



O penta

direções

em algumas

Penso que sou como milhões de brasileiros. Ou seja, vi a luz no fim do túnel mesmo só no dia 21 de junho, no estádio Shizuoka, no Japão, às 5 da manhã. E olha que a Copa tinha começado em 31 de maio.

Mas naquele dia, digo, naquela madrugada alguma coisa muito importante aconteceu dentro e fora do campo. Todos sabemos que futebol é coisa séria. E o que aconteceu no país durante este mundial merece alguma reflexão.

Tínhamos lá, pela primeira vez, apenas uma TV transmitindo os jogos. A Rede Globo era verdadeiramente a dona da bola. Se isso no começo pareceu uma deficiência, pela famosa e decantada falta de concorrência, certamente a coisa se diluiu um pouco ao longo da maratona de jogos e chegou bem no final. Assim, sem pensar em puxar o saco, a Globo até que foi bem.

Não tivemos nesta copa todos os jogos transmitidos pela TV aberta. A Globo, que sabe ser ranheta quando quer, não abriu mão de sua grade matinal, e o encargo de transmissão das partidas ficou por conta do SporTV, ou seja, a TV a cabo novamente apareceu com um grande destaque. E quem não tem TV a cabo? Bom, a idéia geral é a mesma de quando joga o Guga, o maior tenista que este país já produziu: dane-se! compre um cabo ou fique na vala comum.

Futebol é coisa séria, repito. Mas foi de espantar o que aconteceu no Brasil mesmo num começo de mundial. De norte a sul, de fio a pavio, a imagem da TV era a mesma: o povo na rua comemorando, gritando. Não importa que fosse contra a China, contra a Costa Rica. Afinal de contas, copa é copa. O destino do país estava sendo decidido dentro das quatro linhas e nem mesmo o

pesadelo de 98, ao que parecia – e parecia mesmo –, estava desmotivando ou deixando o que chamamos de “galera” com um pé atrás. E que galera! A Globo se encarregou de exibir o tempo todo gente de todo quadrante, telas atulhadas de pessoas gritando, apitando, tocando corneta.

Essa vocação do brasileiro para o otimismo no futebol é muito estranha. Não importa que o time tenha saído daqui de baixo de desconfiança quase generalizada. No dia 3 de junho, às 6 da manhã, o Brasil estreou na copa e ganhou de forma duvidosa da Turquia pelo placar de 2 x 1. Foi o suficiente. O coro dos felizes estava garantido e a Globo, com sua habilidade proverbial, começou a jogar imagem atrás de imagem de povo, povo, povo. Aplaudindo, delirando, se esbaldando.

Efeito dominó, efeito cascata. Ainda estávamos na primeira fase e parecia que tudo era permitido. Mas uma coisa começou a acontecer. A exemplo do que ocorreu na Olimpíada de Sydney, o evento transcorreu também de madrugada. Sim, vão dizer que havia jogo às 6h e às 8h30. Mas o Macaco Simão em sua artilosa coluna na *Folha* apropriada e escrachadamente chegou a afirmar que o negócio era substituir o chope pelo nescau. Não deixava de ter razão.

Aconteceu com isso uma coisa muito esquisita: a copa foi vista e *não* foi vista. Pensando em termos gerais, os jogos da madrugada não foram “aquele” sucesso, como se andou dizendo, mesmo porque o horário era péssimo (cito três exemplos de jogos das 3h30: França e Dinamarca, 10,1 pontos de Ibope; Suécia e Argentina, 10,9; e Alemanha e Paraguai, 10,1*). De qualquer forma, a ansiedade continuada trouxe consigo a excitação adicional de copa do mundo, e o combustível gerado por essa química foi de certa maneira incendiário e dispersivo, como se viu no fim de tudo. Assim, a maior parte da população não assistiu *mesmo* aos jogos da madrugada – ficou sabendo dos resultados de manhã pelo rádio ou pelos jornais televisivos tempranos.

E que resultados! A França caiu na estrela diante do Senegal, em Seul. Ou seja,

* Segundo dados nacionais do Ibope (PNT).

às 10h de Brasília o país estava eufórico – os empinados franceses, engasgados em nossa garganta desde Paris, tinham levado uma boa piaba (como supor àquela altura o que viria depois?). Aqui, uma observação: França e Argentina antes do mundial eram o “ai Jesus” da mídia. Via Internet recebi vários *e-mails* com o seguinte título: “Tudo azul na final”. Os franceses, por serem os campeões mundiais e por estarem com um time quatro anos mais experiente (e por Zidane, claro). Os argentinos, por terem feito uma eliminatória de fôlego, contavam com o técnico Marcelo Bielsa, um nome que os brasileiros pronunciavam com certo respeito – além disso tinham Veron, Batistuta.

Havia outro uniforme azul de antologia nessa história: a Itália – time de chegada, a quem não se perdoa 82. Correndo por fora falava-se da Inglaterra de Beckham, do Portugal de Figo e da Espanha de Raul. No mundo do astro futebol não falávamos de Brasil, mesmo porque o time não andava com essa bola toda. Torcíamos por uma cambalhota da sorte de Ronaldo – mas era tudo muito teórico. Dizia-se isso: na segunda fase o Ronaldo vai estar em ritmo de jogo e então veremos! E havia Rivaldo, que vinha de uma contusão difícil também. Juntos, *nós* sabíamos – e sabemos porque somos brasileiros –, eles formam o melhor ataque do mundo (sem nenhum favor). Mas havia muitos “ses” no caminho e se há uma coisa com a qual o mundo da pelota é impiedoso é com o “se” (no fim e ao cabo, a bola entrou ou não, é o que vale).

E no caso brasileiro havia mais duas questões que incomodavam muito. A primeira foi o esquema tático: 3-5-2 era quase uma afronta. E a outra foi uma extensão dessa primeira: o trio de zagueiros era visto com muita reserva – grande palavra para um texto sobre futebol. Tínhamos o efeito gritante do primeiro gol turco martelando a cuca. Além disso, havia o medo da famosa “bola alçada” na área – sempre a final de 98! (Mas aí aconteceu uma coisa no mínimo curiosa: não tomamos mais gol pelo alto.)

Uma parte significativa do país resolveu aderir ao único jogo do Brasil da ma-

drugada. Segundo dados do Ibope, Brasil e Inglaterra teve uma audiência e tanto: 62,9 pontos. Como diz o médico psiquiatra Rubens de Campos Filho, colaborador desta revista e consultor para este meu texto, o brasileiro ama o futebol e na copa as ansiedades são catalisadas: o clima de copa foi se tornando mais denso a cada dia, alimentado por um efeito televisivo arrasa-quarteirão que martelava mais e mais a imagem de cada gol brasileiro na retina de todos nós – estou aqui incluindo a TV a cabo. Mas, como diz Campos Filho, uma alteração de sono da população – que muitos andaram comentando – não aconteceu, o que se confirma pelos dados do Ibope. O que se poderia dizer nesse sentido – segundo Cristina Padiglione, minha consultora aqui para os números do Ibope – é que a grande mudança ocorreu no período das 6h às 10h, quando vários jogos conseguiram a façanha de superar os 20 pontos do Ibope, mais que o dobro, de programas consagrados, como *Bom Dia SP* e *Bom Dia Brasil*.

Num lance de gênio a Rede Globo colocou Fátima Bernardes – a âncora e musa da copa, no outro lado do mundo – transmitindo o *Jornal Nacional* com seu marido William Bonner. Se os dois formam o casal 20 da televisão, a Fátima, como diz o pessoal do “Casseta” é nada menos que “ótima”.

A moça entrava ao vivo, com informações fresquinhas, entrevistas quentes e notícias de bastidor. Ouso dizer que foi a grande sacada da copa – tanto é que a Fátima foi eleita a *miss* copa do mundo por Felipão e sua “família”. Como era um jogo em cada cidade – da Coréia ou Japão – ficou alegremente famosa a pergunta com a qual o Bonner apresentava a mulher: “Onde está você, Fátima Bernardes?”. Fátima estava: na lateral de um campo de futebol, no saguão ou na porta de um hotel, etc. A moça ali, desprotegida pela falta de um cenário, de um estúdio – teoricamente ao deus-dará. Com personalidade ela justamente inverteu a situação e veteranamente (passe essa palavra criada) dava seu recado. Que foi ficando cada vez mais forte à medida que os dias passavam e a seleção caminhava.

E outro dado precisa ser visto, pois se

achávamos que a audiência do JN durante a copa disparou, o que na verdade aconteceu foi justamente o contrário, houve uma leve retração. No mês que antecedeu o torneio, o JN teve, de média, 44,25 pontos. Já durante a competição, a audiência foi para 44,23. Caindo para um patamar de 40,35 no mês seguinte ao evento.

Aqui um parêntese. Falei da França. Devo falar também da Argentina – e, claro, de Itália e Portugal. Admito que a Argentina foi a maior decepção do mundial – talvez mais ainda que a França. Ela *perdeu* seu jogo mais importante – contra a Inglaterra 1x0. Vimos no torneio e eles não. O fato de a noite paulistana ter sido cortada e recortada pelo metralhar dos rojões que estouravam muitas vezes como se estivessem dentro de casa é um bom indício do que aconteceu naqueles dias de batalhas intensas. Quem estava dormindo acordava em pânico e quem estava acordado não continha a excitação – era duro pensar com clareza.

Mais ou menos o que ocorreu com os franceses, que foram atropelados por uma locomotiva. Com todas as honras abriram a copa perdendo do Senegal (32,8 pontos às 8h30 do dia 31 de maio), empataram em zero com os limitados uruguaios. E foram para o tudo ou nada com os dinamarqueses, outra carne de pescoço. E aí, além de apinhar, sequer marcaram (2x0). Saíram da mesma forma como entraram, sem marcar um só golzinho – como a China. O jogo foi em Incheon, Coréia, às 3 e meia da madrugada, mas pelos rojões parecia que era tarde de domingo de clássico.

Restava, pois, aos argentinos a obrigação de vencer os suecos, que de esquentados não têm nada. Bom, nossas últimas recordações com a Suécia não são as mais agradáveis. Em 94 nós suamos pra ganhar deles por 1x0 no segundo jogo, já mata-mata. Eles são um osso duro de roer. E aconteceu o pior, os azuis e amarelos abriram o placar e a equipe Argentina não impôs qualquer ritmo de jogo, a exemplo do que já tinha feito diante dos ingleses. Não sei até agora o que foi pior, o mais desastroso: ser eliminado ainda na primeira fase ou ter exibido um péssimo futebol. Se as duas coisas são igualmente ruins e convergentes, o fato é que a segunda é desmoralizante. A imagem de Bielsa agachado ao lado do gramado no fim do jogo, quando a situação era desesperadora, me pareceu mais deprimente do que o choro de Batistuta após o jogo. Isso porque Bielsa

perdeu todas as batalhas: com menos tempo de posse de bola os ingleses tinham amarrado o seu time e agora, contra os suecos, o até então decantado time argentino jogara novamente sem a menor criatividade – o que para uma escola latino-americana famosa é morte. Somados aos infortúnios por que passa o próprio país, o final foi melancólico. Via JN assistimos à noite dramática dos portenhos.

Pela rivalidade existente entre os dois países não se pode dizer que o episódio não teve um sabor especial, afinal nós continuávamos no torneio e eles não. O fato de a noite paulistana ter sido cortada e recortada pelo metralhar dos rojões que estouravam muitas vezes como se estivessem dentro de casa é um bom indício do que aconteceu naqueles dias de batalhas intensas. Quem estava dormindo acordava em pânico e quem estava acordado não continha a excitação – era duro pensar com clareza.

Mais ou menos o que ocorreu com os franceses, que foram atropelados por uma locomotiva. Com todas as honras abriram a copa perdendo do Senegal (32,8 pontos às 8h30 do dia 31 de maio), empataram em zero com os limitados uruguaios. E foram para o tudo ou nada com os dinamarqueses, outra carne de pescoço. E aí, além de apinhar, sequer marcaram (2x0). Saíram da mesma forma como entraram, sem marcar um só golzinho – como a China. O jogo foi em Incheon, Coréia, às 3 e meia da madrugada, mas pelos rojões parecia que era tarde de domingo de clássico.

2002 parecia ser um ano bom para a seleção de Figo. Mas Portugal também caiu fora prematuramente. Depois de perderem desastrosamente para os norte-americanos (3x2), deram a volta por cima com a Polônia – aliás, a pior seleção polonesa dos últimos vinte ou trinta anos – (4x0). E aí caíram diante do alçó em que se transformou a Coréia: precisavam de um empate e não sobreviveram (1x0). Os portugueses também mostraram pouquíssimo futebol.

Os coreanos, jogando em casa e diante de estádios lotados e vermelhos, se encarregariam de despachar para casa ainda espanhóis e italianos. Foi triste o que aconte-

ceu com a “fúria” espanhola. Com os altivos italianos foi pior. O cérebro do time, Totti, foi expulso – segundo o árbitro por simular um pênalti, ele já tinha um amarelo e com o outro teve de sair de campo. Na verdade, a crônica de um desastre. A Itália, que ganhava o jogo até os últimos minutos, perdeu muitos gols e cedeu o empate. Sem Totti, tomou o chamado *golden goal* no segundo tempo da prorrogação. A reação de indignação dos *tiffosi* foi tamanha que, como se sabe, o *site* da Fifa travou com a quantidade de *e-mails* recebidos. Joseph Blatter, o poderoso presidente da entidade, chegou a pedir compostura aos derrotados italianos.

E VAMOS AO BRASIL

Um time desacreditado, já disse. Assim, quando tocou a nós entrarmos em campo – porque, como dizia o imortal Nelson Rodrigues, o escrete é o Brasil de chuteiras –, quando nos tocou entrar em campo, certamente foi uma comoção. O jogo começou às 6 da manhã do dia 3 de junho em Ulsan (63,5 pontos no Ibope). Ninguém esperava um jogo fácil contra os turcos e, arriscaria dizer, tampouco difícil. Se o gol turco no fim do primeiro tempo não apavorou, porque sabíamos dos problemas de marcação da defesa com três jogadores, também não trouxe lá muito otimismo. E quando Ronaldo Fenômeno saiu para a entrada de Luizão, ninguém poderia imaginar que a vitória estava desenhada. Aquele pênalti certamente passará para os anais do futebol (como aquele outro evitado por Nílton Santos em 1962, ao cometer uma falta e dar um passo para fora da área). Simplesmente porque, ao contrário de tantas outras vezes, estávamos no papel do vilão. Mas uma coisa ficou patente ali naquela bola em que o Luizão foi caindo, caindo, até *cair* dentro da área – que é o que interessa. O time parecia disposto a tudo. O fato é que o país acordou cedo e não se decepcionou. O que se viu daí em diante foi uma explosão que se ampliou à medida que os jogos passavam.

Aqui entra a TV novamente. Galvão Bueno nunca teve tanto poder em sua vida. Era o único locutor brasileiro de TV aberta no estádio. E é possível fazer qualquer crítica ao Galvão, menos o de não ser torcedor. Ele foi, claro, o mestre de cerimônias, o próprio orquestrador da corrente pra frente. E chama São Paulo, e chama Florianópolis, e chama Belém – e era o povão na rua.

Porque cantava-se e decantava-se que o escrete tinha caído no grupo “baba” do torneio. China, Costa Rica e Turquia não fazem, exatamente, parte da nata do futebol mundial. Mas a Turquia se revelou o adversário mais temível de todo o mundial. Não é preciso falar muita coisa da primeira fase. Só que, graças ao bom pai, foram três vitórias. Como eu, acredito, muita gente respirou – e suspirou – aliviada. Afinal: França e Argentina já tinham caído fora. E quando fomos para o jogo contra a Bélgica, a Itália tinha feito as malas no dia anterior.

Nova decepção, pois a Bélgica (68 pontos de Ibope) teve anulado o gol de Wilmots, o que foi um anticlímax. Mas jogo é resultado e o placar foi 2x0. O Brasil estava nas quartas-de-final. E agora era contra a embalada Inglaterra de Beckham. Como muita gente, tinha para mim o seguinte: do jeito que as coisas vão nessa copa, se passarmos pelos ingleses, temos alguma chance. E veio, enfim, a luz no fim do túnel.

Brasil e Inglaterra fizeram história naquela quarta-feira às 3 e meia da manhã, com uma audiência altíssima para o horário: 62,9! O jogo era o mais badalado das quartas-de-final. Foi um jogo cerebral que determinou o caminho das pedras. O início, como não poderia deixar de ser, foi cauteloso e surpreendente. Se esperávamos uma Inglaterra de certa forma pontiaguda, o peso da camisa – Roberto Carlos deixou claro isso outro dia ao *The Times* – mostrou claramente que a história não seria aquela, os ingleses não fustigaram, como tinham feito com os argentinos. O Brasil tentava se encaixar, até que uma bola alta balançou rede e corações.

Foi um lance estranho. Uma bola alçada na intermediária brasileira pegou Lúcio desprevenido – ele chegou a dizer depois

que não havia entendido o que aconteceu. Num mano a mano solitário com Owen a bola triscou em sua perna e sobrou para o inglês, que fulminou Marcos. Um balde frio. Parecia o início de um pesadelo insone, porque os times estavam parelhos.

E então aconteceu. No fim do primeiro tempo, numa dividida em que Beckham pipocou, a bola sobrou para Kleberon que a soltou para Ronaldo Gaúcho. E Ronaldo, ali, começou a explicar por que era o homem do jogo. Ele apanhou a pelota sem marcação e, sem qualquer dúvida sobre o que fazer, avançou desabridamente. Com um domínio de bola nacional ele começou a cortar o terreno da esquerda para o centro numa faixa de terreno impensavelmente descoberta. Com um drible de corpo contundente deixou pelo caminho, quase no chão, seu marcador, que tentava acompanhá-lo. Foi então que Rivaldo, pressentindo a agudeza do lance, posicionou-se pela borda direita da área. Futebol é *timing*. A defesa inglesa entrou em confusão. No momento exato em que era mais uma vez acochado, o Gaúcho com precisão rolou a bola a Rivaldo, que deu continuidade à obra em andamento. Da entrada da área, ele arrematou de canhota, e de chapa, no seu verdadeiro estilo, a bola desenhou no terreno uma parábola inalcançável e Seaman estava batido. E os ingleses perplexos – Beckham passara os dias anteriores dizendo aos quatro ventos que todo cuidado seria pouco com Rivaldo, ainda impressionado com o gol do camisa 10 contra a Bélgica.

Fim do primeiro tempo. Com Galvão Bueno à frente o Brasil da madrugada começou a passar pela tela da TV. Um urro só (e merecido). Mas o que estava guardado para o segundo tempo nem o mais otimista brasileiro adivinharia. O Brasil começou melhor, mandando no meio-campo, e lá pelos 12 do segundo tempo uma falta meio despretensiosa breçou o ataque canário. O Gaúcho se posicionou para cobrar. Os defensores brasileiros subiram para a área adversária para tentar o cabeceio. Cafu passou por Ronaldinho Gaúcho e lhe disse qualquer coisa – depois se ficou sabendo: avisou que Seaman estava adiantado. E

então uma coisa incrível aconteceu.

Mas como explicar o tiro de Ronaldo? Como explicar o efeito que a pelota tomou? Só quando a bola começou a cair é que se teve a dimensão da sutileza do Gaúcho. Seaman estava mesmo adiantado, mas não muito e, como ficou claro, não o suficiente para voltar a tempo. Foi rapidíssimo: a esfera caiu no ninho direito da coruja e Seaman, desajeitado, desequilibrou-se e tombou impotente dentro de sua própria rede. O lance foi de uma contundência tal que o goleiro inglês pediu desculpas chorando, após o jogo, à torcida de seu país. E aconteceu uma coisa mirabolante. Que eu me lembre, nunca vi um comentarista gritando gol com o próprio locutor. Foi o que aconteceu no SporTV com Luiz Carlos Jr. e Junior. Os dois berraram juntos somando mais pontos ao absurdo todo que se passava nas quatro linhas.

Mas a história ia ainda pela metade, porque, excitado, Ronaldo Gaúcho cometeu uma falta imprudente e foi expulso. Tomamos um grande susto ali, porque Ronaldo era o inapelável senhor da partida. Tínhamos 2 a 1 com dez em campo. Foi aí que a esquadra brasileira resolveu mostrar definitivamente a riqueza de um jogo com o qual estávamos desacostumados. Nos trinta minutos restantes, os ingleses não apenas não abordaram o gol de Marcos com veemência, como foram completamente anulados em campo. Parecia sonho. Beckham continuava marcando Roberto Carlos – ninguém entendia muito bem por quê – e a Inglaterra andava em campo desconjuntada, confusa, superada por uma equipe *visivelmente* superior. Mais do que o resultado, foi isso que mais nos surpreendeu: o reconhecimento da qualidade da equipe.

O Brasil finalmente tinha mostrado a que viera, e agora o penta soava possível. Resultado: às 5 da manhã, com foguetes estourando no país inteiro, o brasileiro começou uma longa jornada da noite para dentro do dia. A apoteose, claro, foi a edição do JN – visivelmente febril.

É mais do que hora de falar de Felipão e da chamada “família Scolari”. Felipão sofreu muito até ter seu mérito reconheci-



do. Deixara Romário de fora, não convocou Djalminha – preferiu Kaká. Convocou Ricardinho e, quando para muitos parecia claro que o equilíbrio estava num meio-campo Gaúcho/Ricardinho, destro/canhoto, lado direito/lado esquerdo, tinha preferido a alternativa Kleberson. E deu certo.

Lá pelas oitavas-de-final Luiz Felipe Scolari parecia ressentido bradando aos microfones e gravadores que “viram, eu tinha razão, e só agora vocês aplaudem, guardem os aplausos”. Durou pouco essa bile. Enturmado com Galvão Bueno e Fátima Bernardes, o homem começou a sorrir. Mesmo com um meio-de-campo penso, meio de um lado só, justiça seja feita: o time esteve em sua mão o tempo todo e, se há quem diga que a coisa poderia ter sido mais fácil, o fato é que foi a *seleção do treinador* quem ganhou a copa – afinal, o tetra foi ganho por um Parreira que dizia: se ganharmos de meio a zero, pra mim está muito bom.

Luiz Felipe bem depois faria mais história afirmando ter se inspirado no futebol da Argentina – pra não dizer daquela outra afirmação estranha de que o Ronaldo Fenômeno era um atleta “mimado”. O fato é que Felipão devolveu ao Brasil, ali, no terreno da bola, a auto-estima e uma garra há um bom tempo perdidas.

Foi em Saitama, no dia 26 de junho, às 8h30, que conhecemos o maior perigo de toda a copa. No mata-mata das quartas-de-final a Turquia bateu o Senegal por 1 a 0 (com 30,4 pontos indicando que o maior

medo brasileiro eram mesmo os turcos). Fez mais, alardeou que contra o Brasil seria um jogo revanche. A partida foi mesmo de lascar, mas os turcos não contavam definitivamente com Ronaldo, o Fenômeno, que decidiu a história numa jogada de área rodeado por quatro defensores. Rustu, talvez o melhor goleiro do mundial (Marcos diria isso depois, deixando o grande Oliver Khan alemão de lado), tomou um gol de “biquinha, à la Romário”, como definiu depois Ronaldo, que marcava ali seu sexto gol no campeonato. Felizmente para nós, o goleiro turco se plantava no terreno no exato instante em que a bola voava em direção à sua meta. Ele chegou a tocar nela, não o suficiente.

E veio a final, no meio de muito, muito falatório, como era bem previsível. Todos diziam que Brasil e Alemanha tinham repostas as coisas nos devidos lugares, coisa e tal – eram os últimos grandes a sobrar numa competição que deixou muito a desejar no terreno técnico. Mas isso não importava. Depois de um fulminante 8 a 0 sobre a Arábia Saudita com três gols do centroavante Klose, a campanha do time dirigido por Rudi Voeller tinha sido bem modesta. Ainda na primeira fase o time tinha empatado em 1 com a Irlanda e vencido Camarões por 2 a 0. Nas oitavas os alemães bateram o Paraguai de um Chilavert na descendente por 1 a 0. Nas quartas-de-final não fizeram muito melhor papel: 1x0 contra os norte-americanos. E foram em frente batendo a entusiasmada Coréia nas semifinais também por 1 a 0 (29,8 pontos de audiência).

Nem mesmo os alemães acreditavam que estavam na final. Voeller, o treinador, que subitamente reabilitara sua equipe diante do próprio país e do mundo, mantinha um discurso sóbrio em que dava pistas de que, uma vez na final, por que não pensar no título – afinal, a França tinha feito isso quatro anos antes contra o Brasil e dera certo.

Num domingo às 8 da manhã, horário de Brasília, a coisa toda foi decidida em Yokohama (não foi o maior Ibope da copa, como se poderia imaginar: 64,1 pontos). Um jogo com contornos épicos, como toda

final de copa do mundo, tendo dois países cheios de tradição se confrontando – sete títulos ao todo. Não vou me alongar sobre o jogo que todo mundo viu. Teve a bola do Kleberson na trave no primeiro tempo – como teve uma bola na trave, antes defendida por Marcos, no segundo. Aconteceu um jogo enjoado, tenso, típico de final. Até que a estrela de Ronaldo Fenômeno – a tão decantada estrela de Ronaldo – resolveu dar o ar de sua graça. Isso foi no segundo tempo. Na primeira vez, a oportunidade parecia perdida. O volante Hamann já tinha a bola dominada na intermediária alemã. Ronaldo fez o improvável: roubou-lhe a bola por trás e ainda o deixou no chão. Não parou para pensar, tocou imediatamente para Rivaldo – aliás, Rivaldo atuou decisivamente nos dois gols –, que não titubeou e arrematou a gol.

Nesse exato momento entrou em cena o imponderável. Oliver Khan, considerado o melhor jogador de toda a copa, avaliou mal a situação que tinha à sua frente e resolveu encaixar a pelota. Ronaldo, o Fenômeno, dizia, depois de toda a festa no gramado, a Galvão Bueno, que partiu em direção ao gol porque é muito difícil um goleiro segurar de pronto um chute de Rivaldo. A bola tocou no goleiro alemão e espirrou. O Fenômeno estava sozinho à sua frente e com o guarda-meta no chão tocou para as redes. Naquele momento, naquele instante, com seu topete de gosto duvidoso, o brasileiro começava escrever a história de um triunfo – seu, pois lutara quase três anos para voltar a campo, contra dezenas de prognósticos negativos, e também para começar a tirar da boca aquele travo horrendo que foi a final de Paris, quatro anos antes, em que ele praticamente fora crucificado pela derrota. E triunfo da seleção brasileira, do Brasil portanto, que voltava a namorar decididamente com a alegria de quem tem um futebol imprevisível e de categoria inquestionável.

O casamento com a alegria foi selado alguns minutos depois numa arrancada pelo setor direito. Kleberson, dominando a esfera, tocou-a para a entrada da área em direção a Rivaldo, que fez um corta-luz per-

feito, deixando passar a bola pelo meio das pernas, levando com ele seu marcador. A gorduchinha, como dizia o Osmar Santos, chegou livre ao Fenômeno, que a mandou para o barbante num tiro chapado da entrada da área. Brasil 2 a 0. Era o oitavo gol de Ronaldo na Copa, ele era o artilheiro da competição, batera um recorde e fizera justiça ao que ocorria em campo.

Aí ocorreu uma coisa primeiro intrigante, e logo depois impressionante. Ronaldo Fenômeno foi substituído, para espanto geral. E então, no banco, outra coisa surpreendente. Ronaldo começou a chorar, e o país então se deu conta finalmente, eufórico e excitado, de que o jogo estava ganho. Éramos finalmente pentacampeões. A taça erguida por Cafu, ostentando uma camisa canário em que se lia “100% Jardim Irene” e fazendo uma declaração de amor à mulher, foi outra das histórias mirabolantes da copa.

Finalizando, o mundial foi considerado um sucesso para a mídia, porque anunciantes e a Globo temiam pelo horário. Se os jogos da madrugada não renderam tanto, à exceção de Brasil e Inglaterra e Brasil e Costa Rica (54,9 pontos), o fato é que mercadologicamente o altíssimo progresso alcançado pelos jogos da seleção, seja os da 6h ou 8h, foi evidente.

Tanto assim que, mesmo antes da final, dona Marluce Dias da Silva, a então diretora-geral da Globo (que no momento em que este texto foi finalizado estava de licença por motivos de saúde), reuniu um grupo de megapublicitários no Fasano para comemorar os ótimos resultados da copa. Estavam na ocasião Washington Olivetto, Nizan Guanaes, Eduardo Fischer e Roberto Justus, o que indica que nem eles esperavam tanto do evento – tanto fora como dentro de campo. E parece que, lá pelas tantas, ela passou de todas as medidas afirmando que, conforme ela prometera, a Globo estava dando a agências e anunciantes um evento exemplar. “E fizemos mais”, observou textualmente, “demos a vocês uma copa sem a Argentina”.

Com ou sem Globo, tudo o que conta, para todo brasileiro que ama o futebol, é que somos penta. Que era o sonhado.